

Palestra para o Congresso de Outubro no dia 24 de outubro de 2009

Ernst Brandstetter

CULTURA DE ALIANÇA

1. Introdução
2. Revolução cultural
3. Missão do ocidente
4. Cultura cristã, uma cultura de aliança com Maria

1. Introdução

„Cultura de Aliança“ — A origem desta expressão não é conhecido por mim mas logo que a escutei a senti com simpatia. Ela me parece acertar o essencial e abrir uma perspectiva que pode nos ajudar a firmar nossa posição de cristãos no mundo de hoje.

Na medida em que cresce nossa afinidade com o Pai e Fundador percebemos como ele insiste em escutar a voz do tempo. Ele inicia e desenvolve suas conferências, em geral, a partir da „voz do tempo“. Evidente que ele se orienta também pela „voz da Igreja“ e da estrutura do ser. Mas chama a atenção o modo como ele acentua os acontecimentos da época nos seus assuntos e discursos.

O que ele nos diria olhando para a situação do mundo de hoje? Ele enxergava longe, a tal ponto que seus contemporâneos muitas vezes não o entendiam. Após o Campo de Concentração, por exemplo, nos anos de 1945/46/47, falava que precisamos estar preparados para uma terceira guerra mundial. Passaram-se 65 anos e esta guerra não aconteceu.

Podemos interpretar assim: Em primeiro lugar poderia romper uma 3ª guerra mundial a qualquer momento e, acrescentaria que nós já estamos em plena guerra, uma guerra ideológica, uma revolução cultural, mundial, sem precedentes.

Uma das estratégias desta guerra é destruir a pessoa e a sociedade a partir do seu âmago.

Outra estratégia nesta guerra é eliminar seres humanos não desejados aos milhões, no primeiro estágio de sua vida ou antes que termine sua vida naturalmente.

Nas guerras mundiais convencionais os exércitos enfrentam-se mais ou menos nas mesmas condições. A guerra de hoje é mais brutal porque avança, com respaldo legal, contra indefesos.

Outra estratégia é uma guerra ideológica que programa sutilmente a cabeça e o coração das pessoas, para que elas pensem e ajam conforme a „elite“ pensante determina.

É a estratégia de sempre: o povo bem tratado, com jogos e comida, está satisfeito e torna-se ideologicamente maleável.

Depois de cair o muro de Berlim, o povo da Alemanha Oriental, escravizado pelo Comunismo durante 40 anos, lançou-se euforicamente à liberdade. Experimentaram a liberdade, mas, em pouco tempo, muitos afirmaram que antes era melhor. Acostumaram-se às providências do estado com comida, saúde, „formação“... garantidos. Mas agora era preciso trabalhar. Não mais o estado providenciava tudo; a liberdade supõe isto.

Pe. Kentenich vislumbrava o avanço desta situação que ele chamava de coletivismo ou bolchevismo, na qual, não é o indivíduo que decide mas o coletivo. O indivíduo não precisa pensar. O pensar fica para os „iluminados“. Uma verdadeira alienação de massas. E quem não se sujeita a isto, é eliminado. Este é o perigo latente do mundo de hoje.

2. Revolução cultural

Assim podemos observar, em nível mundial, uma série de fenômenos que estão mudando a nossa cultura de fundamento cristão. Enfoquemos alguns:

- A globalização - Observa-se que, os países carecem cada vez mais de soberania. Instâncias fora do país decidem sobre a sua sorte. E, nos diversos países, cada vez mais o estado toma decisões que deveriam ser reservadas aos indivíduos.

- Formação alheia aos princípios cristãos - Isto se observa desde o ensino básico até as altas graduações. Podemos encontrar, por exemplo, conceitos de nivelamento: a natureza, o animal e o homem, tudo com o mesmo valor, tudo integrado, tudo um todo (Holismo). Que espírito está por trás disso e que resultados práticos podemos esperar desta concepção?

- Família - Está se instalando na mente das pessoas, através da mídia, que a família é apenas uma expressão cultural. Por isso a família pode ser substituída - como se bem entender.

Neste sentido vamos olhar para uma experiência histórica que os Soviéticos fizeram depois da revolução comunista, na era de Stalin. Eles dissolveram, por lei, o matrimônio, a família e liberaram a sexualidade por completo. O governo assumiu as crianças em suas creches. Depois de uns anos, Stalin verificou que estava se criando um caos; tudo estava se desestruturando e enfraquecendo o país. Fez uma volta de 180 graus, instituiu de novo o matrimônio, a família e disciplinou o comportamento sexual, por lei. Deste experimento, porém, tirou uma conclusão estratégica: Se queremos enfraquecer o ocidente para, depois tomar conta dele, o caminho mais curto é uma revolução sexual que atinja especialmente a família, desintegre o indivíduo e deixe os povos sem vigor.

- Sexualismo generalizado - Por exemplo: na Alemanha, depois de trocar o governo dos democratas cristãos pelos socialistas, encheu-se o espaço público com material pornográfico até as salas de aula, com o pretexto de formação, e, rapidamente, veio atrás a legalização do aborto (1975).

Diz o autor que fala sobre estes assuntos (Siegfried Ernst) que o pansexualismo destrói a personalidade; ela perde sua transparência como um vidro sujo. Deus não transparece mais. Explica que o termo „personalidade“ vem de „personare“ que significa, transpassar (em si: „transsoar“, mas este termo não existe em português). Uma personalidade, então, se caracteriza pela transparência, pela pureza, como um „vidro“ pelo qual Deus possa transparecer. A turvação propiciada pelo pansexualismo afeta a pessoa em sua parte mais característica, pois impede que Deus transpareça por ela.

- o gênero (gender) - O que está por trás deste termo é tremendo. Está se formando o conceito de que o fato de o ser humano existir como homem e mulher é também uma questão *cultural* e não uma questão do *ser*. Por intervenção cultural expressam-se homem ou mulher. Costumes culturais, portanto, podem ser mudados e por isto podemos e devemos optar, com liberdade, pelo nosso gênero, pelo tipo e prática de sexualidade: heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, ...

- Legalização do aborto - Sob o ponto de vista cristão, as leis que legalizam o aborto optam pelo genocídio legal, em massa.

Estimula-se o sexo o quanto possível e, ao mesmo tempo, se monta uma estrutura internacional para eliminar o resultado. O que tem por trás disso?

- Legalização das drogas - Na Holanda as drogas estão liberadas e, a partir daí, seu consumo aumentou em 400%. Os dependentes debilitados são tratados nos hospitais e nos consultórios psiquiátricos; tudo sob altos custos para a saúde pública.

- Legalização da eutanásia - Em diversos países está se criando o hábito da eutanásia mesmo que não esteja ainda legalizada. Poucos anos atrás, aqueles que praticavam a eutanásia, eram condenados. Uma total mudança de conceitos!

- O voto da maioria como fundamento da verdade - É muito difundido o conceito que não existe uma verdade objetiva mas que o voto da maioria define as verdades. Isto é outro fenómeno que atinge o cerne do Cristianismo.

- Feminismo - O feminismo é um verdadeiro ataque a identidade da mulher. Ela, aderindo a comportamentos masculinos, perde suas características e isto tem efeito destruidor na cultura cristã.

- Infiltração marxista e comunista em toda parte - Olhando para a América Latina: Em 1990 havia um único governo de esquerda: Cuba. Hoje os temos em quase todos os países deste continente.

Quero aqui colocar somente um ponto de vista: O marxismo visa uma formação da consciência, uma consciência ajustada à vontade do partido, do estado, uma consciência submetida à decisão do estado, da comunidade. Isto significa o indivíduo submetido ao coletivo.

- Nova Era - Há uma rede jogada sobre o globo terrestre que interliga tudo o que falamos e muito mais: a Nova Era. O „novo paradigma“. A Era de Peixe passou, a Era de Aquário está chegando: a era pós-cristã, com um novo padrão de conceitos e de vida expressado com o termo: „novo paradigma“.

Os livros da fundadora da Nova Era, Marilyn Ferguson (1938 - 2008), expressam, de maneira clara, que se acabe com o antigo paradigma, em última análise, com o Cristianismo, pois este é culpado de todo o sofrimento da humanidade. E os movimentos que, de uma e outra forma, colaboram com a destruição do Cristianismo, são bem vindos na rede. Ela escreve: „Não se pode assumir o novo paradigma enquanto não se tiver abandonado o antigo“.

As correntes anticristãs formam um exército unido, infiltrado em todos os ambientes profanos e religiosos. Eles são criativos e astutos e quem não se previne cai na sua rede.

Uma das mais recentes criações é a „globalização da religião“, a „lightização“ da religião. Tudo light: leite, queijo, margarina e agora se oferece também religião light. Fala-se em „crer sem pertencer“ e em „espiritualidade personalizada“, uma espiritualidade que se baseia somente nos pensamentos e sentimentos da pessoa sem a menor base objetiva.

É possível até que os criadores do „light“ tenham em mente, desde o início, derrubar com isto mais uma parte da cultura cristã do ocidente.

Se fizéssemos uma análise deste assunto, iríamos descobrir inúmeros casos implantados para, a longo prazo, derrubar a cultura cristã. Os interessados conseguem substituir uma coisa pela outra, por exemplo o menino Jesus pelo Papai Noel.

Esta enumeração de fatores significa apenas uma pincelada frente aquilo que na realidade existe nesta mesma linha.

- O avanço islâmico - Por fim quero colocar, à parte, mais um fenômeno porque não se encaixa, aparentemente, nos outros. É o avanço islâmico.

Por quê os primeiros cristãos de Jerusalém, que com entusiasmo deram os seus bens e dividiam tudo, caíram na pobreza, de forma que São Paulo teve que fazer coletas para ajudá-los?

Por quê o Islamismo conseguiu derrubar, em poucos anos, o cristianismo em todo o norte da África e no oriente médio?

Os cristãos estavam desprovidos de uma estrutura política e econômica cristã. Dedicaram-se a espiritualidade e se descuidaram de uma estrutura de defesa. Nestes países, até hoje (durante 1400 anos), só ficaram sofridas minorias de Cristãos.

Durante séculos o Islã tentou conquistar a Europa. Não conseguiu porque os Cristãos europeus estavam politicamente organizados e não deixaram a espada de lado.

Se os Europeus não travassem guerras sangrentas contra os muçulmanos e os vencessem em muitas batalhas, a Europa estaria há 1000 anos sob o domínio do Islã e, conseqüentemente, a América toda.

Mas o Islã tem projetos de longo prazo. Pensam em milênios. É possível que a Europa toda caia dentro de poucos anos nas mãos do Islã.

vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=e8mFeWLwJx8>

Se no ocidente cristão houvesse um Cristianismo autêntico, milhões de emigrantes muçulmanos iriam se converter com certa facilidade. Mas tudo indica que esta chance foi perdida. Há conversões de muçulmanos para o Cristianismo, secretamente, mas há também conversões de Cristãos para o Islã.

Os muçulmanos, vivendo no meio dos povos cristãos, sentem o valor da liberdade cristã, mas ao mesmo tempo vêem os cristãos que usam mal esta liberdade. Aí preferem a lei e os costumes deles: O sofrimento das mulheres, filhos quantos possíveis, poligamia, etc. E quando uma jovem, por exemplo, escapa para a liberdade, os irmãos dela vão atrás e a matam para salvar a honra da família. Na Europa houve muitos casos destes.

Em resumo: estamos no meio de uma revolução cultural que tem por objetivo uma nova cultura pós-cristã, um novo padrão, um novo paradigma, em que a cultura formada pelo cristianismo e o próprio cristianismo não existam mais.

Apagar a cultura cristã, o cristianismo como tal, é o elemento comum de todos estes movimentos porque o cristianismo atrapalha a realização do seu imaginado mundo futuro. Já fizeram a experiência que, onde há uma vital cultura cristã eles não têm vez, suas tentativas não vingam. Por exemplo (Pe. Paulo Ricardo de Cuiabá numa palestra sobre Marxismo Cultural): Em 1919 houve quatro tentativas de implantar o comunismo na Europa Ocidental a partir da Alemanha: (Berlim e Munique), da Hungria e da Itália. Tudo fracassou. Os ativistas revolucionários comunistas se perguntaram o porquê do fracasso e chegaram a conclusão: por causa da cultura cristã do ocidente. Esta, portanto, deve ser eliminada em primeiro lugar.

Por trás dos atos e acontecimentos, há filosofias e projetos de longo alcance. Para nós, schoenstatianos, seria importante uma formação em ciência política, para que pudéssemos analisar com maior clareza a voz do tempo e saber melhor em que fundamento as correntes do tempo se baseiam.

Como vamos interpretar estas correntes e movimentos? Antigamente o próprio Fundador o fazia. Nos Congressos de Outubro ele estabeleceu lemas e fez umas 10 a 15 palestras em torno do assunto. Não temos, hoje, em Schoenstatt, quem faça este trabalho para nós. Ninguém, em Schoenstatt vai nos dizer: você deve fazer assim ou assim. Cada schoenstatiano deve capacitar-se nesta arte de interpretar os sinais dos tempos.

3. Missão do Ocidente

Tudo que falamos até agora nos remete aos três objetivos principais do Movimento de Schoenstatt, especialmente à *missão cristã do ocidente* e este nos remete a Nazaré:

Maria acolheu o Filho de Deus com fé e amor, mas as autoridades judias O rejeitaram. E esta rejeição o Pe. Kentenich chama de „segundo pecado original“. A missão que os judeus rejeitaram, Deus confiou ao mundo não israelita, ao mundo pagão, mais precisamente, aos Europeus, ao Ocidente. Este acolheu o Filho de Deus com fé e amor.

Hoje, o Ocidente está prestes a perder esta missão porque deixou, em grande escala, de abraçar o Filho de Deus com fé e amor. Pe. Kentenich, bem consciente disso, assumiu salvar esta Missão Cristã do Ocidente. Segundo ele seria um „terceiro pecado original“ se não conseguíssemos salvá-la.

No Ocidente, durante o Império Romano, a partir dos primeiros cristãos, desenvolveu-se uma cultura cristã. As catacumbas, as obras e a vida dos Cristãos dos primeiros séculos testemunham como o cristianismo foi capaz de gerar toda uma cultura, tornando-se alma desta cultura e difundindo-se pela Europa toda.

Esta cultura cristã transparece em inúmeras obras preservadas até hoje e, pensando bem, nós mesmos somos um resultado desta cultura: os ramos da arte, a arquitetura, a organização da sociedade, a ciência, ... As obras humanas feitas em aliança com Deus se distinguem. Os legados históricos nos revelam um profundo espírito religioso nos projetos e execução de obras imortais. A literatura sobre este assunto mostra como as obras dos mestres da cultura cristã foram feitas com um máximo de esforço humano aliado com Deus. E isto não somente nas grandes obras mas também nas mínimas coisas. Empenhados em suas obras experimentaram que o próprio trabalho é satisfação, é fonte de alegria.

Os mestres giravam em torno dos mistérios da revelação cristã e procuravam expressá-los em múltiplas formas: na pintura, na escultura, na música, na literatura, ... e na sua própria vida. Nas suas obras percebe-se um espírito centrado no divino. Eles estavam fascinados por seu supremo Mestre, o próprio Deus. Por isso não se cansavam de expressar em suas obras quase exclusivamente motivos religiosos e quanto mais importante eles julgavam o assunto tanto mais procuravam salientá-lo com variados ornamentos.

Hoje, em geral, as belas artes não são uma expressão do espiritual. Ficam arrastando-se pela matéria e dedicam-se a expressar formas materiais: objetos, composições, corpos humanos e mais corpos humanos, ... Estas obras dificilmente elevam o espírito. A música, por exemplo, pode elevar ou rebaixar. Beethoven disse uma vez: A música que não é feita junto com Deus é nada mais que uma gritaria diabólica. Algo semelhante poderíamos dizer a respeito de todas as obras humanas que não são feitas em aliança com Deus.

Por isso eu disse no início que a expressão *cultura de aliança* me parece bem acertada pois é capaz de clarear nossa mente no meio da confusão em

que estamos. Ela nos dá uma direção concreta e aplicável àquilo que Deus, por meio da voz do tempo, nos sugere.

Há um outro aspecto interessante: na cultura cristã autêntica as obras não foram executadas por escravos debaixo de chicote. O artesão era livre. Isto não quer dizer que as culturas cristãs eram perfeitas, sem mácula. Havia mesclas com as culturas pagãs. Eram pecadores e imperfeitos mas norteados, tinha um rumo e aspiravam ao supremo.

Claro, seu conhecimento científico e a tecnologia não se comparam com os de hoje. Mas não eram ignorantes. Quantas vezes estamos diante de suas obras, um tanto confusos, nos perguntando: como é que fizeram? Hoje, com todo conhecimento e tecnologia, não o conseguiríamos.

E quanto às obras referentes ao próprio homem? Na cultura cristã, quantos homens e mulheres esculpam e aprimoram a sua própria pessoa, junto as suas obras externas! Quantos homens e mulheres exemplares a cultura cristã gerou em toda parte: os nossos santos!

O lado oposto também apresenta seus „santos“. A mídia não se omite em favor deles: coloca, por exemplo, alguém como Barack Obama e a Madre Teresa de Calcutá, lado a lado. A Madre Teresa com o Prémio Nobel da Paz e ele com o Prémio Nobel da Paz. Ela com amor heróico cristão acolheu os moribundos, ele a favor do aborto... E já se fala que o Prémio Nobel de Barack Obama merece ser chamado Nobel da Esperança.

4. Cultura cristã - cultura de aliança com Maria

A cultura cristã, uma *cultura de aliança* com Maria.

Acima falamos que onde existe uma vital cultura cristã as tentativas dos movimentos opostos ao Cristianismo não vingam. Por quê? Uma resposta seria, acredito eu: porque a cultura cristã autêntica é necessariamente uma *cultura de aliança* com Maria.

Para explicar isto vamos enfocar mais uma vez Nazaré e meditar o fantástico acontecimento que inaugurou a era cristã. Deus tem um projeto, quer executá-lo em cooperação com a humanidade e por isso oferece-lhe (à humanidade) uma aliança. Dirige-se a Maria enviando o Anjo Gabriel com a mensagem de seus planos.

Maria era a *Imaculada* e como tal possuía, além da graça, capacidades naturais como nós nem somos capazes de sonhar. Ela era livre e consciente de seus pensamentos e atos. Conhecia a história do seu povo e as escrituras milenares. Já por este estado paradisíaco natural ela entendeu logo do que se tratava. E, depois do breve esclarecimento de sua dúvida, disse „*sim*“.

Continuando a meditar, poderíamos considerar que ela era realmente e se viu, neste instante, como representante de toda humanidade diante de Deus e como tal disse seu *sim*. Com este „*sim*“ de Maria, a nova, definitiva aliança entre Deus e a humanidade estava selada. Este seu „*sim*“ era a mais significativa decisão humana de toda história pois era condição para o Filho de Deus se encarnar e assumir a humanidade caída. Em princípio tudo mudou. E

para dar lugar a este fantástico acontecimento, Deus se fez dependente de Maria. Se ela não concordasse, o rumo da história teria sido outro.

Até aqui, vamos dizer: Tudo bem! Mas como continua? O que podemos fazer para que o acontecimento de Nazaré tenha seu efeito? Uma vez que Maria se decidiu pelos projetos de Deus dizendo seu sim, cada indivíduo humano é convidado a incluir-se e dizer também seu sim, junto com Maria, para si mesmo e para aqueles projetos de Deus que são dependentes deste sim individual. O que depende de nós ela não consegue fazer sem nós e nós não conseguimos fazê-lo sem ela.

Em Maria, nela, porque era livremente decidida e disposta, Deus veio habitar. O mesmo acontece connosco. E logo temos que considerar que neste ato temos uma representatividade. Maria teve uma representatividade universal, a nossa é parcial. Atinge os mais próximos: a família, a escola, o grupo, a empresa, as nossas atividades todas: nossas obras, trabalhos, mesmo os mais insignificantes. Tudo podemos fazer na intenção de cultivar esta inclusão que nós chamamos de Aliança de Amor. Cada um segundo a sua missão.

Quando a pessoa se abre para este mundo espiritual torna-se criativa e uma cultura cristã está sendo forjada: a *cultura de aliança*. Os conceitos de comportamento, de economia, de justiça... tudo teria fundamento cristão. Iríamos vincular tudo com Deus.

Vamos continuar mais um pouco esta meditação e aprofundá-la:

Cultura de aliança é o mesmo que dizer *Cultura cristã*. Toda cultura que parte de fundamentos cristãos é *cultura de aliança*. Acredito que isto a maioria dos cristãos aceita. O que nem todos aceitam é o papel de Maria nesta *cultura de aliança*.

Maria assumiu ativamente a aliança que Deus ofereceu à humanidade e por isso nós nos aliamos a ela e procuramos cultivar esta aliança. Aliar-se a ela significa assumir a aliança junto com ela e como ela, com seu conteúdo, seus imprevistos, suas felicidades, seus sofrimentos.

Quando pensamos em *cultura de aliança*, logo nos vem em mente a dimensão vertical e horizontal da aliança que nos é familiar.

O vertical significa a crescente entrega a Deus durante a nossa vida e a purificação do nosso próprio coração libertando-o das suas amarrações: a conquista da liberdade interior.

O horizontal significa a difusão do cristianismo para que todas as atividades, decisões, estratégias políticas, ... partissem de fundamentos cristãos, ...

Maria é uma realidade. De todas as realidades desta criação, ela é a realidade mais real. Não existe realidade mais perfeita, mais aprimorada.

Ela é a realidade não somente mais perfeita, mas essencial. É tão essencial que o próprio Deus se inclina diante dela para solicitar a sua

colaboração na realização de seus planos. Ela não é apenas decorativa mas constitui um elemento construtivo na arquitetura do universo, da terra e seus habitantes. Ela é tão importante que já estava presente na mente de Deus no planejamento do universo. E mais: por causa dela foi construído o mundo (São Bernardo). Como se explica tudo isto? Aplicando os critérios das ciências naturais parece uma alucinação. Mas é algo evidente. Todos nós temos a experiência de, quando estamos para realizar uma obra, criamos primeiro uma idéia, um modelo. Em Deus acontece a mesma coisa. Podemos deduzir, então, da nossa condição humana para Deus porque fomos feitos a sua semelhança.

Vislumbramos a riqueza e a atualidade contidas no termo *cultura de aliança*.

Mais uma vez: Deus veio aliar-se com a humanidade e Maria disse seu sim. Era um ato tremendo pois a semente de uma nova cultura, da *cultura de aliança* foi lançada.

De um lado então *cultura de aliança*, de outro lado cultura de rejeição. De um lado a cultura da vida, de outro lado a cultura da morte.

A *cultura de aliança* começa na família. É o campo de treinamento, onde o coração e a mente são forjados homem e mulher. Não há nada que possa substituir a família para conduzir os filhos e para capacitá-los, quando chega a hora, de eles também dizer *seu sim* e cooperar com Deus.

A atual revolução cultural pretende apagar o cristianismo. Nós, na posição oposta, respondemos com uma *cultura de aliança*. Esta é a nossa visão com a qual somos capazes de vencer a visão contrária. E ninguém poderá contra nós porque somos aliados de Deus.